

VOZES DO SILÊNCIO? A ORALIDADE COMO FONTE

Valéria Maria Sampaio Mello

Universidade Estadual do Ceará – valeriamello2@uol.com.br

Nossa intenção com o presente artigo é produzir algumas reflexões acerca de nosso trabalho com a oralidade¹ como fonte complementar de pesquisa.

Trabalhar com oralidade é lidar com lembranças, memória e esquecimento. “A memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro”. (FENTRESS, 1994, p.39), sabendo que [...] “o nosso conhecimento, tanto do passado como do presente, é constituído sobre idéias e evocações na mente presente”. (Id. Ibidem. p.40).

No presente segmento tratamos de explorar os depoimentos, resultados de um diálogo em que os sujeitos puderam expressar seus discursos, elaborando suas verdades. Discursos do consciente ou do inconsciente² compuseram um trabalho de oralidade como opção metodológica, em que foi investigado a formação cultural dos japoneses no pós-Segunda Guerra.

A pesquisa, principalmente a empírica, não tem a intenção de originar mais um canal de informação mediante o processo mecânico de levantamento de dados e sim trabalhar com um campo mais amplo, uma história mais plural, permitindo uma análise mais extensiva, na qual utilizamos as entrevistas, produzindo, destarte, outros documentos e fontes de pesquisa.

A função da História é promover uma compreensão mais profunda do passado e do presente, mediante a inter-relação destes e do movimento do vaivém entre o atual e o pretérito. São movimentos opostos, porém complementares. História é troca, discussão e observação. História é produzir diferentes vozes, articular e questionar os documentos, inscrever, perguntar aos silêncios e arrebatar os vestígios. Entretanto, sua matéria é o tempo.

O sentido da história na visão bejaminiana, conforme analisado por Konder (1989), vem da ação dos homens, ou seja, o que acontece hoje não predetermina o que vai acontecer amanhã. O sujeito dispõe da possibilidade de surpreender.

O que é contar uma história? A arte de contar faz parte da transmissão de uma experiência e é uma maneira de dar forma a essa prática. A narração é uma das formas mais antigas de comunicação, em que o acontecimento faz penetrar a vida do narrador, para oferecê-lo aos ouvintes como intercâmbio de experiência. Benjamin (1983), refletindo so-

bre o assunto, pergunta qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós. Daí o autor recobra a figura do narrador como instrumento de transmissão do passado.

A memória faz vir à tona o passado que foi atirado pelo olhar de quem investiga ou penetra. O olhar que elaborava a **mimesis** recupera todo o sabor contido no contador de histórias benjaminiano.

Essa transmissão de conhecimentos é fundada pela rememoração que insere todas as variáveis da forma épica e, em especial, a do narrador. E é na atividade do narrador, consoante Benjamin, que pode ser encontrada uma missão que não perdeu sua atualidade: a retomada salvadora do passado, e que é também a missão do historiador materialista.

O que se vê em Benjamin é, na verdade, uma interdependência dos termos, uma vinculação entre o acontecido, o narrado e o fazer do historiador.

Para o filósofo Paul Ricoeur, toda história escrita, incluindo a estrutural, assume algum tipo de forma narrativa e ele não acredita que a História possa ser uma ciência. Segundo o Filósofo, é impossível para o historiador remexer ou revirar o passado, por causa da subjetividade do escritor. A História³, segundo Benjamin, é uma ciência e uma rememoração, pois aquilo que a ciência verifica pode ser retificado pela rememoração.

Rompendo Limites do Tempo

De acordo com Carr, “capacitar o homem a entender a sociedade do passado e aumentar o seu domínio sobre a sociedade do presente é a dupla função da História” (1996, p.90).

O tempo dos relógios é o “tempo homogêneo e vazio” que é preenchido qual um recipiente, que vai acomodando, indiferente, acontecimentos que caem “dentro dele”. O tempo do calendário, ao contrário, não se desenrola mecanicamente, pontua a existência com “dias de recordação”, momentos que capturam o tempo em “pontos de concentração”. (MATOS, 1989, p.31).

“Registros do passado começam a ser mantidos em benefício das gerações futuras”. (CARR, 1996, p.141/142). Aqui começamos a entrar um pouco em um dos caminhos que nos levam ao período pós-Segunda Guerra, em que refletimos sobre a atmosfera vivida pelos japoneses durante a época em que os Estados Unidos impuseram suas leis. Alguns dias após a rendição, um grande jornal de Tóquio, o **Mainichi Shimbun**, escreve “tudo foi, porém, para o bem e para a definitiva salvação do Japão”, enquanto outro jornal

japônico o **Yomiuri-Hochi**, escreveu: “começo de uma nova arte e uma nova cultura”; os intelectuais falavam em seus editoriais sobre “a necessidade de haver uma firme convicção, em nossos corações, de que a derrota militar nada tem a ver com o valor da cultura de uma nação”. (In: BENEDICT, 1997, p.255-256). A derrota, nesse caso, deveria apenas servir de estímulo.

Na compreensão de Carr (1996), “a História é um processo de luta no qual os resultados, bons ou maus, são atingidos por alguns grupos direta ou indiretamente [...] os perdedores pagam. O sofrimento nasce com a história”. (p.13). Já a História, como curso dos acontecimentos, foi concebida por Acton⁴ como progresso em direção à liberdade; “a História como registro daqueles acontecimentos e como progresso em direção à compreensão da liberdade”. O passado significou, para os japoneses, um rumo à liberdade? À vitória?

História, Lembranças e Fios Condutores

Quando seguimos esse caminho de volta ao passado, no caso dos japoneses, estamos despertando emoções de profundo sofrimento, “acordando mortos”, avivando sentimentos caros, para os que ali viveram e que, ao mesmo tempo, viram sua história dar “um ponto final”. Articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo como ele efetivamente foi. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo. Para o materialista histórico, trata-se de fixar uma imagem do passado como ela inesperadamente se articula para o sujeito histórico num instante de perigo.

Para Benjamin, o historiador materialista é capaz de identificar no passado os germes de outra história. Em relação ao assunto, o autor diz:

Para o historiador materialista, cada época com que ele se ocupa é apenas pré-história daquela que realmente lhe importa. E exatamente por isso é que não há, para ele, a aparência de repetição: exatamente porque os momentos do processo histórico que mais importam a ele tornam-se, por serem índice de “pré-história”, momentos desse mesmo presente e, conforme a sua definição catastrófica ou vitoriosa, modificam o seu próprio caráter (BENJAMIN, 1994, p.17).

As fontes orais foram privilegiadas, em nossa pesquisa, como caminho a fim de construirmos esse outro lado da

história. A História enleando-se com a oralidade torna possível a “recuperação” do passado.

Chantal de Tourtier – Bonazzi, no artigo **Propostas metodológicas, o desenvolvimento da entrevista**, fala a respeito de duas tendências: primeiro, colher depoimentos orais, em que se costuma privilegiar a testemunha, preservando-se uma atitude passiva ante um discurso autônomo, conforme o pressuposto de que coletar recordações é o suficiente. Segundo, o autor, falando de “criação de fontes orais, ao contrário, valoriza-se o trabalho do entrevistador, como se este fabricasse a recordação a partir do caos, quando na realidade não faz senão suscitá-la” (BONAZZI In: FERREIRA, 2002, p.234). Daí nossa atenção e cuidado em definir os papéis, entrevistado/entrevistador, sem, contudo, engrandecer ou sobreestimar um ou outro.

Segundo Halbwachs (1989), os resultados alcançados pelo jogo da rememoração representam exatamente as repercussões daquilo que foi vivido e testemunhado que invadem a memória, e não o acontecimento em si mesmo.

Notamos, em algumas conversas informais, no bairro da Liberdade, em São Paulo, que há uma espécie de pacto silencioso entre as gerações japonesas do passado, ficando difícil perceber o sentimento vivido por eles, no pós-Segunda Guerra. É como se se estabelecesse um silêncio coletivo natural e espontâneo. Quando conseguimos adentrar um pouco mais essa memória⁵, percebemos uma história ainda muito viva e cheia de imagens. É melhor silenciar? Por outro lado no falar e expor as emoções leva a catarse⁶. “A memória é a primeira e mais fundamental experiência do tempo. Representa a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”. (CHAUÍ, 1994, p.125).

À medida que o pesquisador invade determinadas lembranças⁷, mediante a exploração de épocas, atinge-se esse momento do passado que quer ser entendido. É como se fosse um encontro inesperado, portanto, inquietante, já que um acontecimento lembrado é algo sem limites e abre caminhos, antes, nunca pensados. A memória, quando revisitada, tem o propósito de que aconteça um relâmpago, ou seja, o entendimento instantâneo do acontecimento.

As entrevistas que tivemos com alguns japoneses, acerca do pós-1945, oferecem oportunidades de contato com leituras diversas, uma vez que só por intermédio da fala torna-se possível perceber as peculiaridades dos acontecimentos, na medida em que os fatos se apresentam de modo diferente daquele registrado na História oficial que pesquisamos.

Podemos diferenciar a reconstituição histórica da memória social. Da primeira, podemos “resgatar” fatos, datas

e acontecimentos, já a segunda vai além tanto da reconstituição histórica quanto do trabalho do pesquisador, pois, por intermédio dela e nela se identificam os elementos que entram na composição das sociedades. Desta maneira, podemos dizer que a Segunda Guerra está registrada na memória dos japoneses, de maneira completamente diferente de como está na dos aliados, ainda que, na História oficial, se aproximem. Nos reportamos aqui, apenas em relação aos fatos, aos episódios de massacres, mas também na forma como foram armazenados.

De acordo com Thompson,

A História não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre “como” (grifo nosso) são eles vivenciados e lembrados na imaginação. E parte da História, aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que “poderia” ter acontecido – sua imaginação de um passado alternativo e, pois, daquilo que de fato aconteceu. (1998, p.184).

A opção por trabalhar com a temática memória e silêncios e de dar uma atenção particular a elementos da Psicanálise, nos foi chegada pela própria pesquisa, ela nos dando o rumo das investidas de trabalho. À proporção que adentrávamos temas que acarretavam sofrimentos para os entrevistados, mergulhando num labirinto de veios intercomunicantes, sentíamos a necessidade de nos prover e de nos apropriar de conteúdos e técnicas psicanalíticas que pudessem conduzir melhor o diálogo.

Os depoimentos têm o poder de enriquecer a pesquisa, considerando que vêm ao encontro dos marcos gerais registrados na história oficial. Mesmo que os entrevistados ou as testemunhas sejam veículos da civilização, também são resultados do seu tempo, ou seja, cada um se encontra em um tempo diferente, tanto de conhecimento quanto no seu aspecto temporal de fato, e vão se modificando de maneira desigual uns dos outros. Ao mesmo tempo, sentimos que, ao nos aproximarmos tanto da temática causadora do sofrimento, a guerra, quanto dos sujeitos, fomos capaz de libertá-los um pouco dessa angústia.

O tempo da história, pensado por Nunes (1988), é multidimensional e até imaginário, tornando possível vários eventos acontecerem ao mesmo tempo. O tempo permite regressos e antecipações. O seu significado e sua extensão dependem do sujeito que o alimenta quer, no tempo real ou imaginário. “Para quem espera, o tempo parece parar, mas,

para quem se ocupa, o tempo parece faltar” (FACURE, 2001, p.80). O tempo, em sua dimensão e grandeza, faz-nos pensar que nós é que passamos pelo tempo. “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 2000, p.278). Assim, a Segunda Guerra Mundial está incluída neste estudo como acontecimento que inaugurou o tempo presente de nossos entrevistados.

A maior dificuldade quando se trabalha com memória é estabelecer uma relação generalizada dos depoimentos, por conta do contraste, trabalho do intelecto **versus** experiência e sentimento interno, encontrando em alguns deles verdadeiros vazios, cheios de cicatrizes profundas, ainda não totalmente curadas. Além de serem estruturas mentais distintas, estão também em momentos pessoais diferentes, daí ser impossível prever graus de repercussão dos acontecimentos vividos e rememorados sobre cada um dos indivíduos. As emoções são totalmente imprevisíveis.

Algumas pessoas, quando vivem um trauma⁸, escondem tão profundamente as cenas vividas que se tornam verdadeiros reféns do silêncio, impedindo que elas se achem à vida no presente, outras, quando estão sob ameaça do sofrimento, dependendo do momento, ficam entre a fuga e a defrontação. Apesar de Freud fazer várias modificações a respeito da etiologia do trauma, o autor, pelos seus **Estudos sobre Histeria** retrata bem o que vem a ser o momento traumático: “é aquele em que a incompatibilidade se impõe sobre o ego e em que este último decide repudiar a idéia incompatível. Essa idéia não é aniquilada por tal repúdio, mas apenas recalcada para o inconsciente”⁹.

Retornar e tentar viver o evento plangente do passado será imprescindível para que o indivíduo desloque o cronômetro ao ponto zero, e tenha alívio do momento traumático vivido, princípio que está na base do pressuposto terapêutico da Psicanálise¹⁰.

Na medida em que o indivíduo alarga o conhecimento sobre o funcionamento de sua mente, experimenta seus embates e temores a partir de novos vértices, adquire melhor adaptação com o mundo real, alcançando refrigério para seus infortúnios.

Quando alguma coisa foge de nossa consciência, não significa que deixou de existir, apenas a perdemos de vista, está no estado subliminar¹¹, ou seja, não é suficientemente intenso para que o indivíduo tome consciência dela, mas que, noutra oportunidade, terá o resultado esperado. Apesar de estar escondida, momentaneamente, continua a fazer parte de nossas lembranças e a nos influenciar. Quando

nos lembramos novamente, foi o inconsciente que ajudou o ato de lembrar, surgindo, às vezes, até espontaneamente.

Depois de muitos anos e tantas modificações internas, é um novo “passado-a-conhecer”. Segue-se um retorno dialético, ao presente, do primeiro “passado-conhecido” e do segundo “passado-a-conhecer”, para usar a expressão de Philippe Áries¹².

Encontramos uma reflexão acerca do esquecimento, no livro **A Nova História**, dirigido por Le Goff: “o esquecimento, que não é uma passividade, uma perda, mas uma ação contra o passado”. (1978, p.533). Na verdade, não vamos ao passado, é o passado que vem até nós.

O cérebro é também órgão de esquecimento. “A consciência é identificada com a memória que unifica o Eu profundo. Quando se afrouxa a relação que o indivíduo contrai com a vida, o inconsciente pode aflorar (como no sono) gerando o sonho”. (VASCONCELOS, 1998, p.49).

Benjamin recupera a importância do narrador e das narrativas como instrumento de transmissão do passado, como já vimos, como consequência da dificuldade de se intercambiar experiências. Para Benjamin, a figura do narrador remonta à Antiguidade clássica, está fundada nas narrativas épicas que sobreviveram à Modernidade. Benjamin considera a memória a mais extraordinária de todas as faculdades, porque a experiência é o objeto por excelência da lembrança. Podemos encontrar o tema da memória, abordado por Benjamin, em seu ensaio sobre a obra de Proust (1926). Proust, diz Benjamin, não escreveu em sua obra “uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu” (1983, p.37). Para o autor que lembra, o mais importante não é o que viveu e sim o trabalho de rememoração.

De acordo com a tradução de Bolle, “é a intenção, não o acaso, que está em primeiro lugar no trabalho benjaminiano da memória”. (1994, p.330). A memória para Benjamin não é a da pessoa isolada e sim a de uma coletividade, mediante conteúdos históricos partilhados.

Ao se articular experiência, tempo e história, cometemos um papel importante e fundamental às pessoas, que detêm essas lembranças: **os velhos**, os verdadeiros detentores dos “tesouros” de seu tempo.

Segundo Benjamin, a idéia de um progresso da humanidade na História é inseparável da noção de seu desenvolvimento dentro de um tempo vazio e homogêneo. “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. (BENJAMIN, 1994, p.229).

“O tempo perdido de Benjamin não é o passado, mas o futuro” (KONDER, 1989, p.56). Segundo esse autor, a dificuldade do historiador, “está em farejar os sonhos, as aspirações, os movimentos subjetivos apontados para o porvir que não chegaram a se expressar em realidades objetivas duradouras, embora estivessem prenhes de significação histórica”. (Id. *Ibidem*).

Não podemos trabalhar com memória, esquecimento, silêncios e depoimentos, que envolvem sentimentos e emoções dos mais diversos, sem adentrarmos um pouco a Psicanálise ou recorrendo mais uma vez à Philippe Ariès, **história das mentalidades**¹³ ou a Jules Michelet¹⁴, com a arte de fazer falar.

Freud e Breuer¹⁵ diziam que o psiquismo funciona de forma a evitar a recordação de situações que tivessem sido de muito sofrimento, porque, “como a realidade objetiva muitas vezes se apresenta de forma emocionalmente intensa e contrária aos nossos desejos, haveria uma tendência do psiquismo para tentar esquecer, depositar em algum lugar, que não trouxesse sofrimento, estes conteúdos”. (Apud MENEZES, 2000, p.62). Nosso estudo perpassa, por meio do contato com o indivíduo, esses conteúdos de situações de sofrimento, reprimidas para fora do consciente. É o que conhecemos por fatos traumáticos. Daí, alguns entrevistados não se comportarem, ou reagirem de forma adequada ante certas situações ou questões que foram trazidas à baila, demonstrando em alguns momentos desequilíbrios ou uma desorganização psíquica, pois o tempo interior individual corre muito mais lento do que o tempo exterior.

A guerra aqui enfocada deixou seus vestígios no tempo mediante os testemunhos a fim de se transformarem em história. E aqui não nos interessa detectar o que, da história, é mentira ou não, que pureza de verdade podemos ter e o que isso significa. Afinal, até que ponto a linguagem representa a realidade no pensamento? Interessa-nos, sim, a versão daqueles que, pela guerra, passaram. Como diz Fernando Pessoa¹⁶, a incongruência do povo leva-o a acreditar que diz o que pensa ou, quando diz, “o meu pensamento muitas vezes trabalha silenciosamente [...] E não pensam em que o não sentem [...] O que eu penso numa vez nunca pode ser igual ao que eu penso doutra vez”.

A imaginação humana pode criar acontecimentos bem próximos da realidade a fim de compor uma verdade. Não obstante, ao fazermos a ligação evento/sentimento, a veracidade jorra. Como ressalta o físico Albert Einstein, “a imaginação é mais importante do que o conhecimento”¹⁷.

Ensina Bachelard (1978) que a imaginação nos impulsiona para o âmago das coisas, fazendo-nos encontrar a intensidade da natureza. Para o filósofo e ensaísta francês, a imaginação é considerada “como um poder maior da natureza” (p.195). Diz que o homem é este ser que tem o poder de “despertar as fontes”.

Alguns depoimentos foram colhidos sob intensa emoção, apesar de acontecimentos fortes e dolorosos, muitas vezes, imobilizarem os entrevistados, levando-os a crer que tais fatos se encontram bem escondidos na memória e estão protegidos do sofrimento; contudo, vindos à tona, as emoções jorram. É a memória ligada diretamente ao sofrimento.

A memória, a aprendizagem, o pensamento e a linguagem são processos intimamente interligados. Uma palavra faz surgir imagens, sentimentos, odores.

De acordo com Ferreira¹⁸,

[...] em volta da memória há mistérios. Porque a memória transcende a vida e a morte. Ela revela o antes de nós, o antes de tudo. Mas, para fazer a viagem entre o antes e o agora, a memória necessita de uma ponte constituída por narradores capazes de, transportando lembranças, ajudar a construir um futuro redimido. (1996, p.37).

As entrevistas provocaram, de certa maneira, um autoconhecimento. Os entrevistados se viram experimentando emoções outrora não sentidas, tampouco perguntadas. Quando as emoções fazem o percurso inverso, de volta ao inconsciente, já retornam trabalhadas e modificadas, conseqüentemente, mais amenas.

Não podíamos atuar apenas como espectadores distantes. Contudo, não podemos saber se os indivíduos, ao mergulharem nos seus “quartos escuros”, encontram seus velhos “eus”, que agora já não lhes cabem. Talvez a busca em si mesma não tenha mais sentido, pois, fortalecendo considerações teóricas já mencionadas no campo da história oral, sabemos que, como também afirma a psicóloga Stern **apud** BOSI (1998, p.55) “as lembranças são restauradas pelos valores do presente”.

O uso da Oralidade permitiu-nos enveredar pelos caminhos da subjetividade nos aproximando da trajetória confusa e doída de cada entrevistado, sabendo que, de acordo com Ian Mikka, esta escolha de estratégia permite buscar outros caminhos de investigação, pois “a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais [...] Estas, por sua vez, são legitimadas como fontes, seja por seu valor

informativo, seja por seu valor simbólico” (MIKKA, 1998, p.132. In: FERREIRA, 2002, p.XIV).

A oralidade também nos permitiu participar, mesmo que por alguns momentos, da vida e sentimentos dos entrevistados, atingindo uma área íntima e complexa de suas histórias, que permaneciam inéditas, do ponto de vista narrativo, até o momento da rememoração. Tivemos a experiência de uma espécie de apropriação, tanto da óptica, quanto da versão dos indivíduos entrevistados.

Percorrer caminhos incertos do passado é trabalhar com memória e seus mistérios. Lidar com História, passado e memória é mergulhar nas tramas, nos contextos em que se efetivaram os acontecimentos, a fim de intercambiar experiências, trazendo, ao presente, sentimentos de forma dolorosa, melancólica ou até mesmo violenta.

É mediante a narrativa que a História atinge uma extensão maior e mais rica. Para Benjamin, o que passou tem um efeito posterior de mais concretude do que antes, quando ocorreu, ou seja, o efeito, o choque do que aconteceu só vem a **posteriori**.

No momento em que os fios da memória são deslocados e ativados, surgem as imagens, as personagens, as cenas e o cenário irrompidos na sucessão e na sobreposição de tempos e espaços. À medida que as lembranças desabrocham dos subterrâneos da memória e se dirigem à superfície, por intermédio das narrativas orais, aquilo que era, até então, sombrio vai aos poucos assumindo formas mais nítidas com seus conteúdos; a memória configurando-se plural e não singular. Para Ricoeur (1994), “o homem (corpo-sujeito) é vivido por uma subjetividade que, mesmo experimentado de modo individual, o constitui com e no meio dos outros”.

Enfim, trabalhamos com os sentimentos dos sujeitos, utilizamos a linguagem da alma, do gesto, do **face-to-face**, como fonte e objeto, pleno de intersubjetividade, a fim de “resgatar” um pouco dos sentimentos advindos do espírito e da memória.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 15ª edição. Petrópolis: RJ: Vozes. 2000. 367p.
- BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada- padrões da cultura japonesa**. Coleção Debates, 2 ed. São Paulo: Perspectiva. 1997. 273p.
- BENJAMIN, Walter. **Os Pensadores**. 2ª. Ed. São Paulo: Abril. 1983. 343p.

- CARR, Edward Hallet. **Que é História?** SP: Editora Paz e Terra. 1996. 189 p.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense. 1994. 253p.
- CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velho.** São Paulo: EDUSP. 1994.
- FACURE, Núbior Orlando. **O Cérebro e a mente – uma conexão espiritual.** SP:FE Editora. 2001. 174p.
- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado.** Trad.: Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral.** 5ª. ed. Rio de Janeiro: FGV. 2002. 304p.
- HALBWACHS, Maurice. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: Ática. 1989. 239 p.
- _____. **A Memória coletiva.** São Paulo: Vértice Editora. 1990. 189p.
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia.** 2ª.Ed. RJ: Campus. 1989. 112p.
- MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro: a escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução.** São Paulo: Brasiliense. 1989. 357p.
- NUNES, Benedito. **O tempo na Narrativa.** São Paulo: Ática. 1988.
- THOMPSON, Paul – **A Voz do Passado – História Oral.** RJ: Paz e Terra. 1998. 385p.
- VASCONCELOS, José Gerardo. **Memórias do Silêncio: militantes de esquerda no Brasil autoritário.** Fortaleza: EUFC. 1998. 175p.

NOTAS

ⁱ Professora Depto. Línguas Estrangeiras da UECE – Doutorado em Educação – UFC
e-mail: valeriamello2@uol.com.br.

¹ Preferencialmente utilizaremos “fontes orais” e/ou oralidade no lugar de História Oral, já que a oralidade não nasceu na História. Oralidade é uma questão metodológica sem ser propriedade exclusiva de uma ou duas disciplinas. Embora Meihy (2002, p.16-17) faça diferença no conceito de oralidade e fontes orais, considerando a primeira como um grande conjunto de expressões verbais, compreendendo grandes manifestações sonoras humanas, e a segunda

havia como fonte porque é registrada mecanicamente, usaremos os dois termos ao longo do texto com o mesmo sentido, já que as entrevistas, além de gravadas, algumas foram interpretadas mediante de outros tipos de linguagens, como gestual, lágrimas e expressões faciais.

²“Existe então um setor de nosso psiquismo, não esquecido, porém presente e circunstancialmente aparentemente muito claro ou mais ou menos distorcido, está aí, parece que é só procurar, facilitar que se manifeste: o **Inconsciente**, onde nossa vida toda fica armazenada, “reprimida”, e que determina muitas de nossas condutas” (KNOBEL, Mauricio. **O que é Psicanálise** In: <http://www.comciencia.br/reportagens/psicanalise/psique06.htm>).

³ Apenas na língua inglesa, história não é considerada ciência, contudo em qualquer outra língua da Europa, a história faz parte naturalmente da ciência.

⁴ ACTON, Lord John. **Lectures on Modern history**, 1906, p.51. In: CARR, 1996, p.149.

⁵ Reportando-nos aqui na noção de memória, e esta baseada em Halbwachs (1990), que define a “memória social” como uma construção coletiva sobre o passado realizada a partir das condições sociais que o grupo vivencia no presente. Ao mesmo tempo, a lembrança do passado informa o grupo sobre o seu presente, de forma que passado e presente se constroem mutuamente – são socialmente percebidos por meio de informações que um projeta sobre o outro. A etimologia da palavra expressa tanto o fato da recordação, lembranças, reminiscências, como o ato de narrar, referir, relatar. A memória é a memória e seu avesso. Ela não é apenas a lembrança, uma faculdade psíquica, ela é a um só tempo, a lembrança e seu relato.

⁶ Catarse (purgar, liberar um afeto estrangulado). O método catártico foi o precursor imediato da psicanálise (In: FREUD, 1969, Vol.XIX).

⁷ A lembrança instituiu a corrente da tradição que transmite o acontecido de geração a geração (BENJAMIN, 1983, p.67).

⁸ “O trauma não pode ser definido simplesmente como um acontecimento externo, por mais violento e doloroso que seja, mas como a ligação entre o perigo interno e o perigo externo, entre o presente e o passado” Bertrand, M., Doray, B. **Psyanalyse et sciences sociales**. Paris: La Découverte. 1989. p.132. In: DOSSE, François (2001, p.274).

⁹ Extratos de **Estudos Sobre a Histeria** – Caso 3 (Miss Lucy) – de Breuer e Freud (1895).

¹⁰ In: FREUD, 1969, volume XXII – Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual. Edição eletrônica 2.0.

¹¹ “É uma percepção não-consciente, em que o participante diz não ter consciência da existência do estímulo, o qual, porém, modifica seu comportamento. Só se pode detectar a percepção subliminar, por definição inconsciente, quando se observa suas conseqüências no comportamento” FERRAND, Ludovic – pesquisador do Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade René Descartes – Paris – In: REVISTA. **Viver** nº. 02 – Memória. 2005, p.56. Para ler mais sobre o assunto, FREUD, 1969. Histeria, volume I. Edição eletrônica versão 2.0.

¹² In: LE GOFF. **A Nova História**. 1978, p.474.

¹³ LE GOFF. **A Nova História**. 1978, p.455/479.

¹⁴ Id. **Ibidem**, p.480.

¹⁵ Josef Breuer, criador do método catártico. Nome ligado aos primórdios da psicanálise.

¹⁶ In: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/pessoa.html>.

¹⁷ In: http://www.conviteafisica.com.br/home_fisica/frases/einstein.htm.

¹⁸ Brasília Carlos Ferreira é professora do Curso de Mestrado em Ciências Sociais da UFRN.